

rente e dando ao conflito no interior da empresa um carácter de invariante, mesmo não considerando este como um factor de luta de classes.

O estudo da empresa como um sistema de relações de poder constituirá pois mais um passo em frente extremamente interessante que pode fornecer às modernas teorias de organização conceitos e soluções extraordinariamente positivos.

9. A maior parte das noções e dos problemas que foram focados encontram-se ainda neste momento em fase de ampla discussão e sem que já se tenha formulado qualquer teoria confirmada pela experimentação a que se possa conferir foros de aceitação generalizada.

No nosso País, em que interessa desenvolver estudos deste tipo «quer para «absorver» o que já se sabe e estuda «lá por fora», quer para «conhecer» a nossa própria realidade», competirá, pois, aos afectados por estas questões defrontar a situação e os conhecimentos actuais sem os aceitar como definitivos.

Raul  
da  
Silva  
Pereira

## O envelhecimento da População Portuguesa em face do Censo de 1960

1. Uma via relativamente fácil de aproximação ao estudo de uma sociedade é a *análise demográfica*. Trata-se de uma via na qual se dispõe de dados estatísticos regularmente publicados e oferecendo razoável grau de confiança, num campo em que outros elementos de estudo são muitas vezes escassos ou de representatividade limitada. O estudo dos recenseamentos e das estatísticas demográficas permite tomar consciência de alguns dados essenciais à caracterização das populações, através da sua distribuição territorial, composição por idades, ocupação, grau de cultura, estado sanitário, etc., e da evolução de cada um destes aspectos.

Já nesta revista têm sido feitas alusões ou fornecidos dados sobre o intenso movimento migratório interno a que se assiste no Continente português, especialmente a partir de 1950, com despo-

voamento de extensas zonas rurais, principalmente do interior, e engurgitamento da região de Lisboa, principal pólo de atracção demográfica<sup>1</sup>. Os elementos agora fornecidos pelo Instituto Nacional de Estatística<sup>2</sup> permitem outra espécie de observações: trata-se da distribuição da população portuguesa por grupos quinquenais de idades e por sexos, segundo o último Censo, realizado, como se sabe, em 15 de Dezembro de 1960.

#### QUADRO I

**Evolução da distribuição etária da população portuguesa**  
(por grupos de idades, em milhares)

Grupos de idades	1940 HM	1950		1960	
		HM	H	HM	H
0- 4 .....	829	890	454	901	462
5- 9 .....	836	799	406	851	434
10-14 .....	803	800	406	839	423
15-19 .....	749	810	404	747	366
20-24 .....	631	762	380	705	337
25-29 .....	609	681	335	673	324
30-34 .....	557	541	263	638	305
35-39 .....	496	567	273	591	285
40-44 .....	422	525	248	499	240
45-49 .....	375	460	211	511	244
50-54 .....	346	391	176	482	224
55-59 .....	286	332	146	409	184
60-64 .....	262	294	126	334	145
65-69 .....	194	230	95	264	112
70-74 .....	140	168	69	206	84
75-79 .....	87	107	41	131	50
80 e + .....	77	84	27	108	35
<i>Total</i> .....	7 699	8 441	4 060	8 889	4 254

Fontes: para 1940 e 1950: *Anuário Demográfico* de 1961;  
para 1960: *Instituto Nacional de Estatística*.

<sup>1</sup> Vd. *Análise Social*, n.º 1, págs. 50-51; n.º 2, págs. 326-327; n.º 3, págs. 494-495.

<sup>2</sup> Um agradecimento é devido ao referido Instituto, pelo fornecimento das cifras relativas ao X Recenseamento Geral da População (distribuição por grupos de idades), com avanço relativamente à sua publicação, o que tornou possível a elaboração deste trabalho.

A distribuição de uma população por idades — ou distribuição etária — tem grande importância sob vários aspectos, bastando apontar a sua correlação com o desenvolvimento económico. É sabido que as populações mais jovens do mundo são também as mais pobres. Elevadas taxas de natalidade são facilmente explicadas pelas condições culturais, sanitárias e, em certo sentido, económicas dessas populações e exprimem uma situação demográfica que se caracteriza pela renovação incessante de grandes massas populacionais muito jovens.

A elevação do nível de vida traduz-se, do ponto de vista demográfico, pela melhoria das condições alimentares, sanitárias e assistenciais que logo permitem reduzir a mortalidade; entretanto, essa mesma melhoria e as facilidades de contacto com outras populações, alargando o âmbito dos conhecimentos e das necessidades materiais, têm por efeito a «travagem» da natalidade, quer pelo maior grau de consciência com que se processa a procriação, quer pelas dificuldades crescentes das famílias em criarem proles numerosas, assegurando-lhes um nível de educação (no mais amplo sentido que a palavra comporta) consentâneo com a inserção dos novos seres humanos na sociedade a que se destinam. É esta baixa da natalidade que produz o envelhecimento demográfico.

Deste modo, se as nações subdesenvolvidas são geralmente formadas por populações jovens, as industrializadas caracterizam-se por populações velhas. E como o progresso económico se acentua, ainda que em graus muito diversos consoante os países, a tendência geral é no sentido do envelhecimento — observação, aliás, corrente em estudos demográficos.

Esta tendência é, porém, relativamente recente, tendo começado a notar-se em França, a partir dos fins do século XVIII. Durante muitos séculos a proporção de velhos não deve ter variado sensivelmente, em virtude da lentidão do progresso técnico e da falta de uma medicina eficaz, que permitisse reduzir a mortalidade. A proporção dos indivíduos com 60 e mais anos não se afastaria muito das que ainda hoje caracterizam os países subdesenvolvidos, ou seja, de 5 a 7 % da população total. Ora, em alguns países industrializados atingiram-se já proporções de 16 %, que aliás continuam a subir.

«De todos os fenómenos contemporâneos — escreveu Alfred SAUVY — o menos contestável, o mais bem medido, o de marcha mais segura, o mais fácil de prever com grande antecipação e talvez o de consequências mais pesadas é o envelhecimento da população»<sup>3</sup>.

Portugal não podia, naturalmente, escapar a esta evolução geral.

---

<sup>3</sup> *Théorie Générale de la Population*, P. U. F., Paris, 1959, Vol. II, pág. 50.

2. Não constitui novidade dizer-se que a população portuguesa também vai envelhecendo. Alguns trabalhos se têm já referido a este facto <sup>4</sup>, que nada tem de surpreendente. Interessará, no entanto, ver como o ritmo deste envelhecimento se comporta e, também, comparar a situação actual com a dos principais países de cujo espaço geográfico fazemos parte: comparação que assume maior relevância em vista dos projectos de unificação económica europeia.

Em relação ao primeiro aspecto, a simples comparação dos números apurados permite já algumas observações de muito interesse. Por exemplo, esta: *a população portuguesa entre os 15 e os 29 anos é inferior, em 128 milhares de indivíduos, à que existia em 1950*. Este desgaste é, sem dúvida, consequência directa da emigração (legal e clandestina) e compõe-se de uma redução de 92 mil homens e 36 mil mulheres. Não parece que desde o último Censo a situação se tenha modificado por forma a permitir encarar o futuro destes grupos de idades sem graves apreensões. A prazo mais ou menos longo, a repetição destas quebras pode vir a revelar-se desastrosa, quer pela força de trabalho perdida, quer pela redução da taxa de natalidade correspondente a estes grupos etários.

Trabalhando ainda com números absolutos, pode notar-se também o seguinte: *a) a população até 14 anos cresceu entre 1950 e 1960 muito mais do que crescera no decénio anterior (104 mil contra 20 mil) mas convém não esquecer que os anos 40 abrangeram a II Guerra Mundial e o respectivo rescaldo, que tiveram, mesmo entre nós, reflexos desfavoráveis na taxa de natalidade, pelo que tal período não deve ser considerado representativo; b) o número de indivíduos com idade igual ou superior a 60 anos cresceu de 159 milhares, contra 122 no decénio anterior, facto que podemos relacionar com a redução da taxa de mortalidade, que foi mais intensa entre 1940 e 1950.*

Outras observações podem ainda ser feitas pelo leitor interessado, a quem confiamos as cifras do Quadro I. De resto, a presente nota, tanto pela sua índole como pela secção da revista onde se incluiu, tem como principal finalidade chamar a atenção dos estudiosos portugueses para um problema cujos tópicos gerais se apresentam e cuja importância não pode ser minimizada.

3. As comparações de estruturas etárias, quer do mesmo país em momentos diferentes, quer de vários países no mesmo momento, são facilitadas quando, em vez de números absolutos, se trabalha com percentagens da totalidade. Assim se procedeu para construir o Gráfico I e o Quadro II.

---

<sup>4</sup> Consulte-se, por exemplo, J. J. PAES MORAES — «Alguns aspectos dos censos da população portuguesa», *Revista de Economia*, Setembro de 1954.

O Gráfico I é bem expressivo quanto ao envelhecimento ocorrido nas duas últimas décadas. Num período de 20 anos é já possível apreciar com nitidez e segurança efeitos que, aliás, são visíveis em Censos consecutivos. Resumidamente, pode dizer-se que diminuiu proporcionalmente à população total, o número de indivíduos com idades até 34 anos (— 4,8 % da população total), aumentando de igual percentagem os grupos de idades superiores àquela. Mas observemos com maior detalhe, de acordo com o Quadro II, que compara as situações de 1940, 1950 e 1960.

#### QUADRO II

Evolução da distribuição etária da população portuguesa  
(por grupos de idades, em percentagens do total)

Grupos de idades	1940 %	1950		1960	
		%	Variação	%	Variação
0-14 .....	31,9	29,5	— 2,4	29,2	— 0,3
15-19 .....	9,8	9,6	— 0,2	8,4	— 1,2
20-39 .....	29,8	30,3	+ 0,5	29,4	— 0,9
40-59 .....	18,5	20,2	+ 1,7	21,3	+ 1,1
60 e + .....	10,0	10,4	+ 0,4	11,7	+ 1,3

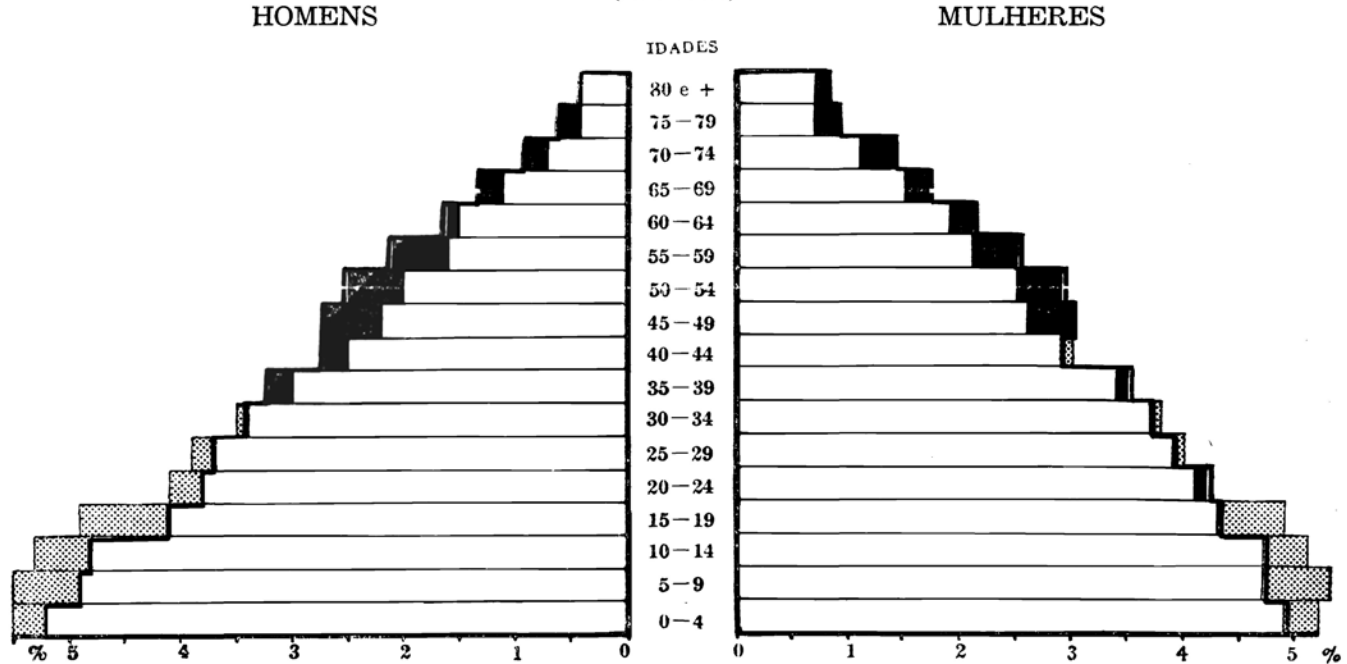
Fontes: As indicadas para o QUADRO I.

Deste modo, o grupo de 0-14 anos perdeu posição em ambos os decénios, no primeiro em grau muito maior do que no segundo, devido à quebra da natalidade; no de 15-19 as perdas foram maiores no segundo decénio, influenciadas já pela emigração, além da natalidade. Entre os 20 e os 39 anos a variação negativa no segundo decénio deve-se às camadas mais jovens (até 29 anos) como já tivemos ocasião de acentuar, atribuindo-lhe como causa a emigração; dos 30 aos 39 as variações foram menos significativas e quase se compensaram, em conjunto, nos dois decénios. De 40 a 59 anos verificou-se sempre aumento: menos pronunciado no segundo decénio para este conjunto, mais pronunciado para as idades mais avançadas (50-59); esta tendência acentuou-se no agrupamento de 60 e mais anos, cuja representatividade passou de 10 % em 1940, para 10,4 % em 1950 e 11,7 % em 1960.

A análise das variações em números absolutos revela-se de grande utilidade na programação económica — por exemplo, para calcular os investimentos no ensino, a mão-de-obra disponível, etc. Mas as variações relativas permitem igualmente ópticas de muito interesse, que a completam.

GRÁFICO I

Alterações na distribuição etária da população portuguesa, num período de 20 anos  
(1940-1960)



Nota — A população em 1960 é representada pelo traço vermelho; as áreas a negro indicam os aumentos percentuais, entre 1940 e 1960, nos grupos de idades em que se verificaram; as áreas a ponteadas indicam as diminuições.

Fontes: As indicadas para o QUADRO I.

Assim, tem interesse verificar que a população entre os 15 e os 69 anos, *na qual se compreende a totalidade da população activa*, cresceu no decénio de 1951-1960 apenas 2/5 do que crescera no decénio anterior (260 contra 666 milhares) e se considerarmos somente os homens, encontramos um acréscimo de 109 mil, contra 334 mil em comparação idêntica. Isto quer dizer, portanto, que o crescimento dos grupos etários activos foi menos do que proporcional ao do conjunto da população; para este conjunto o acréscimo correspondeu a 60 % do que se verificara na década de 40.

Por outro lado, as cifras da *população activa* mostram para o último decénio um acréscimo de 109 milhares<sup>5</sup>. Ambos os caminhos conduzem a esta conclusão importantíssima: *em cada ano não foram acrescentados ao mercado do trabalho, em média, mais de 10 milhares de indivíduos*, o que está em contradição com algumas previsões correntes que avaliam o crescimento das necessidades de emprego no dobro desta cifra — tal como foi considerado para o II Plano de Fomento.

A diminuição relativa do número de pessoas activas indica ser necessário elevar a produtividade, a fim de permitir o sustento de toda a população, agora acrescida de uma proporção maior de velhos. A diminuição relativa do número de crianças, renunciando a continuação do envelhecimento geral, obriga a preparar, através dos programas educativos, a melhoria futura da produtividade. O aumento relativo do número de velhos implica a extensão dos esquemas de previdência social que, directa ou indirectamente, hão-de ser sustentados pelo produto das classes activas.

Tudo isto, numa esquematização muito simplificada e incompleta da problemática suscitada pelo envelhecimento.

4. Finalmente, a redução a percentagens permite-nos comparar a estrutura etária da população portuguesa com as de outros países. Os gráficos II a V levam a afirmar que a população portuguesa é mais jovem do que as de qualquer dos seguintes países: Espanha, França, Itália e Grã-Bretanha.

O facto de serem maiores as semelhanças da estrutura da nossa população com a da população espanhola não é de admirar, porquanto trata-se de dois países economicamente próximos, além de possuírem outros pontos de contacto. Ainda assim, apresentamos maior proporção de jovens, compensada principalmente por situação inversa nas classes de adultos. E também não será de estranhar que as maiores disparidades se verifiquem na comparação com a Grã-Bretanha, devido à evolução económica deste país, o mais desenvolvido do grupo apresentado.

---

<sup>5</sup> *Parecer sobre as Contas Gerais do Estado de 1961 (Metrópole)*, pág. 681. Não estabelecer confusão com os 109 milhares indicados anteriormente: trata-se de uma coincidência.

As irregularidades mais pronunciadas em grupos etários particulares marcam períodos de guerra e correspondem a quebras da natalidade, sempre mais volumosas do que as baixas devidas às próprias guerras. É assim para a classe dos 40-44 anos, em todos estes países, mas em especial na França e na Itália, em virtude da primeira Guerra Mundial; e para a classe dos 15-19 anos, em consequência da segunda. O mesmo se dirá para a Espanha, no grupo dos 20-24 anos, como reflexo da guerra civil.

Por outro lado, as distribuições percentuais que figuram nos gráficos, quando confrontadas com os rendimentos *per capita* dos países a que respeitam — o que se fez no Quadro III — mostram bem a relação entre riqueza e envelhecimento, facto já anteriormente assinalado. As posições relativas dos vários países incluídos no quadro estão duplamente determinadas: pela via do rendimento nacional e pela da estrutura demográfica.

### QUADRO III

Distribuição etária da população e capitações do rendimento nacional em alguns países europeus

PAÍSES	POPULAÇÃO POR GRUPOS DE IDADES (em % do total)				RENDIMENTO NACIONAL (U S \$ p. capita)
	0-19	20-39	40-59	60 e +	
Portugal .....	37,6	29,4	21,3	11,7	321
Espanha .....	35,3	30,3	22,0	12,4	456
Itália .....	32,0	31,3	23,2	13,5	545
França .....	32,5	27,7	23,0	16,8	1 117
Grã-Bretanha .....	30,2	26,1	26,7	17,0	1 139

Fontes: as indicadas para os gráficos, quanto à população; para as capitações do R. N., Vd. F. Pereira de MOURA — *Problemas Fundamentais da Economia*, Lisboa, 1962, pág. 208-A.

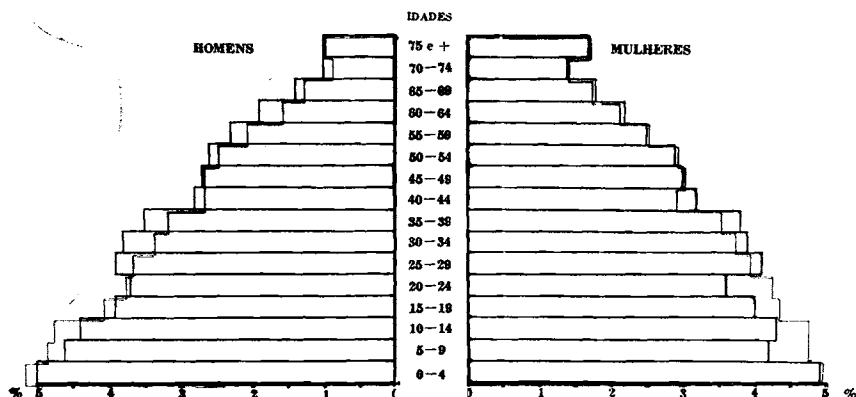
Mas a principal conclusão que importa tirar destas comparações com utilidade directa para o nosso país é a seguinte: estando as estruturas demográficas europeias muito mais envelhecidas do que a nossa, é natural que continue, e mesmo que se reforce, a *tendência para o escoamento das camadas mais jovens para esses países*, cujas carências de mão-de-obra são, além disso, determinadas por taxas de crescimento económico muito elevadas. O que se tem verificado recentemente com a emigração clandestina para França é bastante elucidativo. Aliás, movimentos migratórios deste



População portuguesa por grupos de idades em 1960 (\*)

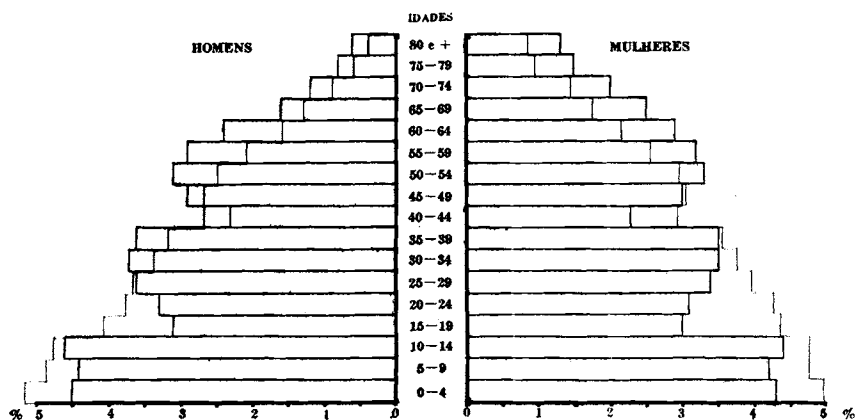
ESPAÑA

GRÁFICO II



FRANÇA

GRÁFICO III



(\*) A população portuguesa é representada pelo traço vermelho.

Fontes: ESPANHA — *Avance de las clasificaciones de la población obtenido mediante una «muestra» del 1 por 100* (Censo de la Población y de las Viviendas — 1960), Madrid 1962. Para este país não se dispõe do grupo 75-79 anos, o que obrigou a alterar a estrutura do gráfico referente a Portugal, para efeitos comparativos.

FRANÇA — *Annuaire Statistique de la France*, Paris, 1961, pág. 17. (população em 1 de Janeiro de 1961 — resultados provisórios).

Comparações com alguns países europeus

GRÁFICO IV

ITÁLIA

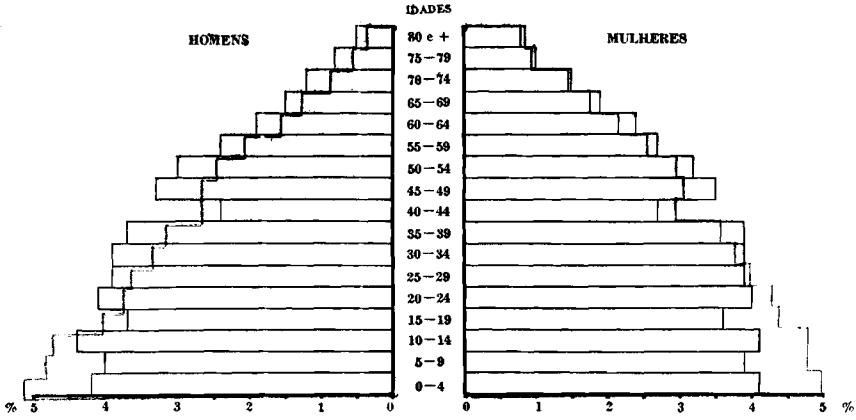
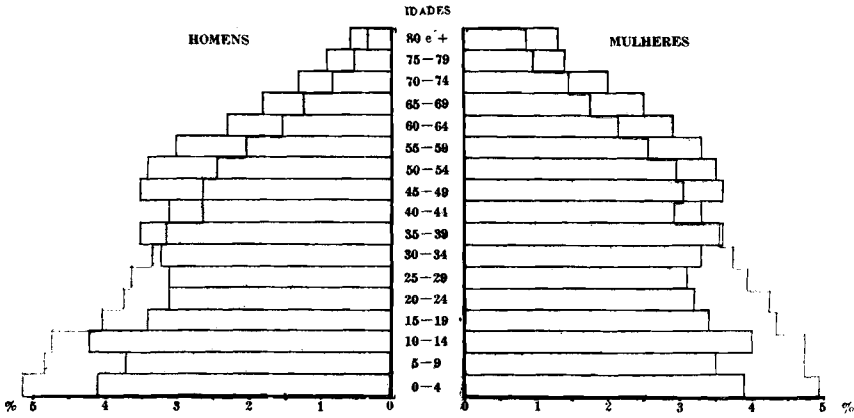


GRÁFICO V

GRÃ-BRETANHA



Fontes: ITALIA — *Annuario Statistico Italiano*, Roma, 1961, págs. 15 e 22 (população residente em 1961).

GRÃ-BRETANHA — *Annual Abstract of Statistics*, Londres, 1962, pág. 9 (população presente — estimativas a meio de 1960).

gênero são hoje correntes na Europa. Da Itália, da Espanha e da Grécia para a França, a Alemanha Ocidental, a Suíça e a Áustria, da Noruega e da Finlândia para a Suécia, etc., tem havido emigrações que envolvem já cerca de 2 milhões de pessoas.

Além disso, o movimento de integração económica europeia, prevendo, a prazo mais ou menos longo, a livre circulação da mão-de-obra, pode vir a facilitar o encaminhamento das correntes migratórias para as zonas de desenvolvimento económico mais intenso — questão que tem sido debatida frequentemente nos últimos anos — desfalcando de recursos humanos as zonas mais desfavorecidas.

Outros inconvenientes têm sido apontados ao envelhecimento, ainda que mais difíceis de detectar e até impossíveis de medir. É o caso da sua incidência na mentalidade geral das populações: maior preponderância das gerações mais velhas na formação das ideias e nas atitudes; maior grau de conformismo e de passividade, que dificultam a adaptação da vida social ao galopar incessante das técnicas. Mas a estrutura da população portuguesa está ainda longe de apresentar semelhanças com as de outros países, onde tais problemas podem já ser postos com alguma acuidade.

Isto não significa, porém, que o problema possa ser ignorado por qualquer país; a prazo mais ou menos longo, haverá necessidade de tomar providências que contrariem uma desadaptação ao progresso, porventura exacerbada por circunstâncias ocasionais.

Mas, como proceder?

Novamente daremos a palavra a Alfred SAUVY: «O antídoto é claro: não deixar enfraquecer a natalidade, tomar consciência da nova situação, dirigir voluntariamente os olhares para o futuro, se necessário esquecendo o passado».

J.  
Caldeira  
Guimarães

## Alguns aspectos sociais da Reforma Fiscal Portuguesa iniciada em 1958

1. Os processos de constante evolução dominantes em qualquer sociedade implicam necessariamente uma progressiva desactualização das estruturas institucionais, impondo a sua oportuna